

Valentine Chantal

descrição:

Alta e magra, muito elegante, pele morena, longos cabelos ondulados de um preto intenso e brilhante, muito bonitos quase sempre apanhados numa tiara de prata. Grandes olhos verdes a condizer que ajudam a dar-lhe aquele ar misterioso que se adequa lindamente à profissão.

Roupas extremamente exóticas e charmosas ajudam a conferir uma presença que não passa despercebida.

história:

Valentine é cartomante, proveniente de uma família de origem cigana, oriunda de Debreczen, Ducado da Transilvânia (atual Hungria) mesmo junto à fronteira com a Roménia.

De sua graça **Zabrina Nicolescu**, decidiu adotar um nome francês quando começou a ler a sina e a adivinhar o futuro na sua pequena bola de cristal (oferta do bonacheirão “tio” Petrescu que lhe queria como a uma filha). Mas em família e junto dos amigos mais próximos todos a tratam carinhosamente por **Zabi**.

Os pais fugiram, por causa da guerra, primeiro para a Áustria, onde se juntaram a uma companhia de saltimbancos romenos e mais tarde para França. Valentine nasceu dois anos mais tarde, em Paris, num ambiente algo circense.

Iniciou-se nas artes divinatórias com Dumitra, uma cigana da companhia por quem nutria enorme simpatia e que foi uma segunda mãe para ela.

Muito esperta e viva, aos 10 anos já sabia ler e escrever e o Tarô não tinha quaisquer segredos para ela pois Dumitra ensinou-lhe tudo o que sabia. Quando tinha 16, juntou-se ao grupo um alquimista bávaro com quem deu os primeiros passos

nos mistérios da matéria. Adorava preparados a partir de plantas e aprendeu a fazer destilações e todo o tipo de infusões, uma para cada “mal”. Aos 18 anos fez amizade com uma aia dos Médicis, que a introduziu na corte francesa. Estavam então muito em voga as sessões “espíritas”, nas quais Valentine começou a participar regularmente. O dramatismo profundo com que se entregava nesses encontros fez dela uma das mais procuradas videntes/cartomantes da Corte, para além de ser atraentemente bela. É exímia no Tarô e as suas “leituras” na bola de cristal começam a tornar-se lenda...

Para dar mais ênfase a esse seu papel, veste sempre roupas muito exóticas, para aquele meio, uma espécie de “cigano chic”, talvez demasiado vistoso e espampanante mas com extremo bom gosto, que ficam a matar na sua linda e esguia figura morena.

Quando é convidada para eventos na corte, o que acontece agora regulamente, aparece sempre ornamentada com enormes pulseiras, colares, brincos e, claro está, uma tiara. Recentemente esses adornos de dimensões exageradas parece estarem a tornar-se moda na corte e começou a correr entre a criadagem de Versailles que Valentine teria enfeitado as damas da corte para que a imitassem.

No entanto é tímida, muito desconfiada e o seu olhar penetrante deixa quase sempre desconfortáveis os seus interlocutores, mesmo que de estatuto mais elevado.

É uma entertainer excecional com grande imaginação e jeito para contar histórias. Com a sua voz serena e pausada incute um ar de mistério e melodramático nas suas narrações, principalmente quando fala das vivências da família, passadas em terras longínquas, meio verdades meio inventadas.

Fala alemão e húngaro razoavelmente.

Martine Laferrière

descrição:

Estatura média alta como o pai, pele muito branca, cabelo louro deslumbrante caindo pelos ombros em enormes canudos, olhos azuis intensos, como a mãe. Muito viva e sagaz, com um temperamento difícil, é bastante rancorosa e não perdoa facilmente. Gosta de passar uma imagem de ingenuidade para “baixar a guarda” dos interlocutores. A mãe foi assassinada por espiões ingleses, de quem guarda um ódio de morte.

história:

Martine é filha de um francês e de uma inglesa. A mãe espiava os franceses para o rei Charles I, Sir George Villiers, e foi assim que conheceu o futuro marido, um abastado estalajadeiro de Paris. Para além de se ter apaixonado verdadeiramente pelo belo jovem, dava-lhe muito jeito ter uma residência fixa na capital, para não levantar suspeitas das suas atividades. Ainda por cima numa estalagem, onde passa tanta gente e se podem ouvir conversas tão interessantes e onde as canecas ajudam a soltar facilmente a língua...

A certa altura, e graças a alguns mal entendidos, os ingleses começaram a suspeitar que a mãe fazia dupla espionagem, e “desembaraçaram-se” dela, facto que Martine jamais lhes perdoará, passando a nutrir pela ilha vizinha um ódio de morte. Torna-se assim colaboradora dos serviços secretos de Sua Majestade (o rei Luís XIII), praticando espionagem política e militar em Londres a favor da França. Graças aos conhecimentos de perfumaria herdados da sua avó paterna, que era perfumista, faz-se passar por negociante de perfumes, deslocando-se a Inglaterra amiúde. Martine sente constantemente enorme peso na consciência por esconder este segredo do próprio progenitor, mas sabe quão perigosos e cruéis são os seus inimigos, pelo que prefere esconder a

verdade, tentando mantê-lo a salvo de qualquer eventual represália.

Aprendeu a lutar com o pai, um homem alto e muito forte, que frequentemente tinha de pôr fim a desacatos na estalagem, desenvolvendo uma extraordinária destreza. No comissariado, um atraente capitão da Guarda, que nutre pela bela espia grande afeto, ensinou-a a usar o “silencioso” punhal e a disparar pistolas.

Gosta de se fazer passar por uma menina ingénua e coquete, o que não é difícil, graças à sua encantadora figura. Faz-se sempre desentendida quando em presença de conversas sobre temas considerados “complicados” para a sua linda cabecinha loura, deixando sempre os interlocutores tão à vontade que nem se preocupam em disfarçar qualquer tema na sua presença.

Atualmente passa o tempo dividido entre Londres, onde exerce a verdadeira profissão, Paris, onde vem entregar os relatórios e receber missões e La Rochelle, onde se suspeita que os ingleses estejam a preparar para enorme ofensiva no maior bastião Huguenote existente em França e talvez o maior porto comercial do reino. Que como facilmente se compreenderá poderia ser desastroso cair em mãos antagónicas ao rei e sobretudo ao seu primeiro ministro, o famoso cardeal Richelieu, com quem já teve oportunidade de se cruzar um par de vezes.

Martine viaja às vezes para Londres infiltrada na comitiva diplomática, e que lhe permitiu conhecer Danielle Baresse, uma diplomata em início de carreira. Desenvolveu, à primeira vista, grande empatia pela inteligente jovem tornando-se sua confidente e amiga inseparável.

Dominique Fontaine

descrição:

Estatura alta e bastante robusta, graças aos anos vividos no aquartelamento do marido e onde fazia exercício ao lado dos mosqueteiros, dando asas ao seu estilo “maria-rapaz”, de menina sem irmãs, criada num ambiente fortemente masculino. Pele morena, cabelo castanho forte raramente muito arranjado, olhos claros penetrantes e inquisidores.

história

Dominique é filha de um alquimista, os “farmacêuticos” da altura, que servia algumas famílias da nobreza Parisiense e de uma curandeira muito bonita por quem se apaixonou. Ainda pequena, às vezes acompanhava o pai nas suas visitas ao Paço Real onde sentia grande fascínio a ver exercer os médicos da corte. Foi “apadrinhada” pelo físico pessoal da rainha Ana, que achava muita graça ao tremendo interesse da pequena garota pelos mistérios do corpo e dos remédios, a ponto de começar, aos poucos, a ensinar-lhe a profissão. Dotada de uma inteligência rara, tudo aprendia rapidamente e colocava pertinentes questões ao velho mestre e aos outros físicos do Paço, o que lhe permitiu progredir rapidamente na carreira. Mas quem mais a encantava eram os físicos que chegavam de terras distantes, normalmente das Arábias, que traziam curas, remédios e métodos pouco conhecidos na Europa. No entanto o seu espantoso conhecimento de anatomia veio com um italiano que passou 2 anos na Corte chamado Salvatore Da Vinci e que possuía uma enciclopédia extraordinária (vá-se lá saber porquê...).

Dominique foi casada com um tenente dos mosqueteiros do rei mas enviuvou recentemente. A guerra com os huguenotes — calvinistas franceses — ceifou muitas vidas de ambos os lados das barricadas. Razão pela qual a rapariga nutre especial ódio pelos protestantes.

Graças ao seu namoro que acabou em casamento com François Legrand, Dominique passou muito tempo na quartel da mais conhecida unidade militar francesa, os mosqueteiros do rei, de

que era capitão M. Treville. Onde havia aliás sempre muita atividade a desenvolver: os mosqueteiros quando não estavam na guerra batiam-se amiúde em duelo e copos a mais em tavernas levavam a brigas quase diárias, pelo que havia sempre muita ferida para costurar e muita cabeça a entrapar. Foi nesse ambiente que aprendeu a manejar o florete e a disparar o mosquete, para além do bisturi, juntando-se regularmente aos exercícios dos soldados que tanto contribuíram para a sua excelente preparação física. Por causa da simpatia que todos sentiam pela prestável rapariga, Valentine chegou a acompanhar a unidade em duas campanhas, uma vez na Flandres e outra em La Rochelle. Por sorte não estava presente quando o seu amado pereceu, pois essa experiência teria sido demasiado traumática. É que por trás daquela figura robusta e de aparência forte (os mosqueteiros chamavam-lhe por brincadeira “o bastião” pois a sua maleta de física representava sempre um confortável porto de abrigo a feridos e moribundos), residia ainda uma menina sensível e apaixonada...

Neste momento a médica ajuda algumas vezes o seu velho mestre ainda primeiro físico da rainha, pelo que é visita regular da Corte (sim, Valentine já teve oportunidade de falar com a rainha Ana algumas vezes e de cumprimentar o próprio rei), mas o seu trabalho principal é nas casas nobres dos duques da Lorena, Vallois e Verneuil, nomeadamente Gaston Henri, filho bastardo de Henrique IV e sua meia-irmã Gabrielle Angélique.

Apesar do seu estilo meio “maria-rapaz” Valentine está familiarizada com os modos e a etiqueta dos salões da corte. Embora raramente use os elegantes e vistosos vestidos de folhos e rendas, tão em voga nos salões palacianos, a sua presença não passa despercebida. O seu porte altivo, a raiar a arrogância, e o seu olhar penetrante e inquisidor, deixa facilmente desconfortáveis os seus interlocutores, que percebem rapidamente estar na presença de alguém que não é para “brincadeiras”...

Miguel Castro

descrição:

Estatura média, robusta e maciça.

Pele morena, cabelo castanho curto, barba e olhos verdes sedutores, ar vivaço tipo “D. Juan”. Armeiro, filho e neto de armeiros, folgazão, apreciador dos prazeres da vida, principalmente se incluírem... saias.

É um artífice com extremo bom gosto, o que lhe granjeia grande sucesso na profissão.

história

Miguel é filho de um armeiro português casado com uma bela castelhana que conheceu em Toledo, por sua vez filha de um famoso armeiro espanhol, com quem trabalhou e aprendeu alguns segredos da profissão e que tornaram a cidade famosa em toda a Europa.

Nasceu um ano depois do pai ter voltado para Portugal a fim de retomar a oficina do avô, e a “modernizar” segunda as mais recentes práticas da popular cidade espanhola, conhecida pela têmpera do seu aço e manufatura elegante.

Habitou-se bem cedo à fornalha, à bigorna e ao manejo do martelo.

Bem parecido e de lábia fluente, dava com facilidade “a volta” às raparigas de Lisboa. Às vezes às “erradas”, como aconteceu com a preciosa filha do Visconde de Fonte Arcada, D. Pedro de Magalhães, para quem o pai tinha grandes aspirações na corte Lisboaeta, na altura dominada pelos Filipes de Espanha.

Miguel, após terrível perseguição do Visconde, que quase lhe custou a vida numa emboscada, resolveu emigrar para Paris, com grande desgosto do pai, para criar a sua própria oficina e fugir de um destino quase certo, que o ódio de D. Pedro lhe reservava.

Bastante vaidoso da sua sensual aparência física e charme indisfarçável, e para melhor impressionar as moças, intitula-se descendente de um Visconde português dizendo que tivera de se refugiar em Paris por perseguição política e desavenças com os partidários dos Filipes. Através das aias da corte francesa, que facilmente conquistou com o seu garbo, entrou rapidamente no círculo dos fornecedores de armas dos nobres da corte, a quem impressionava com a beleza dos copos das suas armas e elegância das equilibradas lâminas. Enquanto os cavalheiros iam admirando as suas espadas, as aias iam ficando pelo beicinho, caindo na sua artilosa lábia de marialva e abriam-lhe frequentemente as portas dos seus quartos a tardias horas da noite, abandonando-se ao charme do garboso conquistador...

Apreciador de uma boa pândega, é visita assídua de algumas das mais elegantes tavernas de Paris onde gosta de beber uns copos e ganhar (ou perder!) algum dinheiro nas cartas ou nos dados. Nessas farras conheceu um outro colega de profissão, mas este dedicado ao fabrico de pistolas e mosquetes. Após visitas às respetivas armarias e troca de experiências, Miguel começou agora a dar os primeiros passos no fabrico de armas de fogo, expandindo e diversificando o negócio, graças à sua arte e bom gosto.

É exímio no fabrico do aço, mas a sua verdadeira perdição são as saias. No entanto, recordando-se do motivo que o levou a abandonar Portugal, procura atualmente apenas aventuras inócuas com raparigas inocentes e “desprotegidas”, evitando as damas casadas e as filhas de pais poderosos. Just in case...

Danielle Baresse

descrição:

Estatura média para pequena, magra, silhueta muito elegante. Pele clara, cabelo acastanhado muito claro com lindos caracóis largos, olhos verdes vivos e penetrantes, revelando inteligência e sagacidade.

É aceite de bom grado nas comitivas diplomáticas, um mundo onde prevalecem as “calças”, por acharem que ela pensa como um homem, tendo a vantagem de ser muito bonita.

história

Danielle é filha de um magistrado e de uma dama de companhia da corte. Apesar de serem um casal feliz, a mãe era extremamente assediada pelos nobres que viviam no palácio, pela sua enorme beleza.

O Visconde de Gabriel era um dos principais apaixonados. Não se sabe se esse amor era ou não correspondido. O que é certo é que a família era visita regular da sua mansão na *Ile de Chartelier*.

Adora charadas, puzzles e todo o tipo de quebra-cabeças e é excelente jogadora de xadrez. O seu olhar vivo e inteligente impressiona sempre que entra num salão. A sua silhueta elegante ajuda, principalmente em lindos vestidos decotados... O verde esmeralda assenta-lhe especialmente bem, condizendo com a cor dos olhos.

Aprendeu a atirar muito nova, com o pai, excelente caçador.

Danielle é pouco impressionável. Há quem a ache algo fria, quiçá até um pouquinho cruel.

Visita regularmente Inglaterra onde costuma acompanhar a comitiva diplomática francesa na tentativa constante de evitar a guerra, por causa do apoio cada vez mais descarado que as

forças do rei D. Carlos I dão aos huguenotes, protestantes franceses. Apesar de ser mulher, a lucidez do seu pensamento e os seus raciocínios imparciais deixam-na bem vista na comitiva. Dizem os seus pares, na brincadeira, que ela é uma linda donzela, mas que pensa com a cabeça de um *homem*.

Pode dizer-se assim que terá herdado a beleza da mãe e a frieza e imparcialidade de raciocínio do pai. O que a ajuda imenso na carreira de diplomata, tradicionalmente masculina: uma companhia visualmente muito agradável e ao mesmo tempo inteligente e sagaz.

Danielle conhece bem os embaixadores inglês e francês que visita amiúde e com quem viaja regularmente. Inveja profundamente os detentores de tais cargos, pela habilidade e inteligência como que exercem as manobras políticas, que a atraem fortemente e lhe fazem lembrar o xadrez, jogo em que é exímia. Atualmente começou a imaginar a sua carreira futura como embaixatriz de França nalgum país importante, seja na Europa ou fora dela. Assim, passou a interessar-se particularmente por estas funções, aproveitando todas as oportunidades para acompanhar embaixadores, sejam de que país forem.

Foi nestas comitivas diplomáticas, que conheceu Martine Laferrière, uma espia a trabalhar para serviços secretos de Sua Majestade, por quem sente grande empatia e de quem se tornou melhor amiga e confidente. Todas as ajudas para singrar num universo marcadamente masculino são preciosas e a rapariga sabe que pode contar sempre com a fiel Martine a quem, em contrapartida, também pode ajudar de sobremaneira pelas portas que se lhe abrem enquanto diplomata.

Marcel Dancourt

descrição:

Estatura alta, exageradamente magra, de aparência frágil e ar cavado e misterioso, mas com um ar bonito e distinto, quase imponente. Pele clara, cabelo castanho claro, olhos castanho escuros.

Tem uma destreza prodigiosa que lhe permite inacreditáveis números de prestidigitação e que o começam a tornar (finalmente) famoso.

história

Marcel é oriundo de uma família da pequena burguesia dos arredores de Paris. Costuma animar algumas das mais importantes e atraentes tavernas de Paris. Esporadicamente atua na corte em festas promovidas por Suas Majestades ou em animados salões de outros nobres proeminentes.

A sua destreza na manipulação de cartas, moedas e demais objetos deixa facilmente estupefacta qualquer audiência.

O facto de se vestir usualmente de forma bizarra, para a época, e o seu aspeto enigmático contribuem bastante para criar o clima de mistério com que envolve as suas sessões de prestidigitação.

Para apresentações mais complexas, recorre com frequência à ajuda de uma amiga vidente/cartomante que também frequenta a corte: Valentine Chantal, uma linda jovem morena de enormes olhos negros, com ar igualmente exótico, oriunda da Transilvânia. É a sua parceira favorita para serrar ao meio ou fazer desaparecer dentro de um armário ou num mar de labaredas ou fumos coloridos.

Como todos os artistas que veem a sua arte mal compreendida, Marcel debate-se com o velho problema de falta de “liquidez” na magra bolsa. O estalajadeiro e as amantes, fazem desaparecer as (suas) moedas ainda mais facilmente do que ele em palco, já que os pais lhe dão pouco apoio. Estes possuem

uma modesta loja de tecidos mas fica numa das zonas mais movimentadas de Paris. Especialmente o pai, gostaria imenso que o filho trabalhasse com ele e desse continuidade ao negócio, mas o rapaz deixou-se influenciar, na opinião dele, pelas más companhias e por uma vida boémia totalmente contrária à educação recebida.

Marcel não foi expulso de casa mas os constantes conflitos familiares aconselharam-no a que, se queria seguir aquela vida, o melhor era desenrascar-se por conta própria, passando a viver em estalagens, de maior ou menor qualidade, de acordo com os contratos que ia arranjando aqui e ali.

Um dia, uma aia da corte, de cabeça muito fraca e influenciável, viu-o atuar num teatro de rua e, acreditando piamente em espíritos, fantasmas e outras fantasias sobrenaturais achou que ele era um poderoso “feiticeiro”. Falou do rapaz com tanto entusiasmo às damas da corte, que estas ficaram curiosas e começaram a convidá-lo para fazer espetáculos na corte. Finalmente uma luz ao fundo do túnel para a sua vidinha quase miserável, quase de saltimbanco!

Para lhe aliviar os “fim-do-mês”, viver com um pouco mais de dignidade, mas sobretudo e o que mais o preocupa, recuperar a estima, consideração e respeito dos pais. Afinal, a corte é sempre a corte, qualquer que seja a nossa profissão...

Marcel pode jogar às carta e fazer batota com sucesso fácil DESDE QUE nenhum dos outros jogadores saiba que ele é prestidigitador...

Francesco Gallia

descrição:

Alta e magra, muito elegante, pele morena, longos cabelos ondulados de um preto intenso e brilhante, muito bonitos quase sempre apanhados numa tiara de prata. Grandes olhos negros a condizer que ajudam a dar-lhe aquele ar misterioso que se adequa lindamente à profissão.

Roupas extremamente exóticas e charmosas ajudam a conferir uma presença que não passa despercebida.

história

Francesco fugiu de Itália há cerca de 2 anos, onde tinha sido condenado à forca pelo alegado homicídio de um cobrador de imposto, num assalto que teria corrido menos bem.

Praticamente nasceu num barco de piratas algures ao largo das Caraíbas.

O pai era pirata profissional e a mãe uma colona inglesa a viver na Jamaica que não resistiu ao charme do belo italiano.

Quando o barco onde seguia o pai, se afundou na sequência de uma tentativa de assalto a um galeão comercial francês que correu mal, a mãe regressou à Europa, deixou-o com os avós paternos em Itália e regressou a Londres para tentar restabelecer a vida e depois ir buscar o filho. Infelizmente, como de costume, isso nunca aconteceu. Pelo menos até agora...

Foi assim criado apenas na companhia dos avós e de alguns familiares próximos, no meio de grande liberdade mas quase ao abandono. “Descarrilou” de vez quando um primo siciliano o desafiou para fazer um “trabalhinho”, que consistia em aliviar o cofre de um rico mercador que regressava de uma grande viagem, quando este se fez ao caminho para ir depositar no

banco os lucros da proveitosa rota. Tinha então 16 anos e a partir daí nunca mais largou a “vida”.

Juntamente com o primo, amigos ou até sozinho, descobriu que era mais fácil deixar que fossem os outros a ganhar o dinheiro por nós. Depois bastava apenas ir... “levantá-lo”.

Francesco tem uma ótima constituição física, fruto do seu crescimento ao ar livre e muito habilidoso para qualquer tipo de trabalhos manuais sejam de força bruta ou precisão. É bastante reservado, poder-se-ia dizer mesmo tímido, muito discreto pelo que detesta dar nas vistas. O que o ajuda bastante na sua “profissão”. Ou talvez o seu feitio tenha sido moldado por ela.

A timidez do salteador torna-se especialmente evidente na presença de raparigas. Fica muito atrapalhado sem saber o que dizer ou fazer, o que se torna paradoxal porque o jovem salteador herdou o garbo e o porte atlético do pai e a elegância e charme da mãe, o que o tornam muito cobiçado pelas moças sicilianas da vila para onde foi morar com o primo Giovanni.

Outra característica é a capacidade de interpretar a realidade de uma forma muito própria, muito sua, consoante lhe dá mais jeito ou de uma maneira até fantasiosa que provavelmente explicará a sua tendência de mentir “compulsivamente”.

As suas armas preferidas são as silenciosas moca e a besta, mas se for necessário, também sabe usar uma pistola. Embora a ache um instrumento de “trabalho” muito ruidoso e pouco discreto.

Pierre Leduc

descrição:

Estatura média, de aparência robusta, porte altivo.

Pele clara, cabelo alourado comprido pelos ombros, olhos cinzentos.

Tem um imenso interesse por todo o tipo de conhecimento, mas pela História em particular. E pela vida boémia ligada às artes, mormente o teatro. É erudito, sensível e mulherengo.

história

Pierre é filho de um Visconde que mora nos arredores de Paris, a cerca de hora e meia de viagem, perto de uma localidade chamada Ile de Chartelier.

Embora os pais possuam um pequeno palacete numa vasta propriedade rural, Pierre prefere morar numa boa estalagem da capital para estar mais próximo dos locais onde “tudo” acontece.

É uma pessoa muito culta, imensamente apaixonado pela arte, sob todas as formas: pintura, música, leitura e principalmente o teatro.

Pierre tem conhecimentos junto do Clero, que lhe abrem as portas a documentos antigos e que lhe permitem saciar o seu imenso interesse pela História.

O pai era uma homem de grande honra e coragem e combateu nas fileiras do rei Henrique IV. Possui grande coleção de armas. Ensinou o filho a manejar o estoque e a montar a cavalo desde cedo. Mas Pierre tem mesmo queda é para as artes e... para o seu mundo fascinantemente boémio.

Passa quase todas as noites em eventos culturais e depois segue para a pândega, com os amigos. Deita-se sempre tarde, às vezes com um copito a mais e levanta-se ainda mais tarde. Depois do almoço tem sempre alguma coisa para estudar. Há sempre algum lugar de cultura para visitar, muitas vezes bibliotecas —

sejam oficiais ou de amigos — e à noite parte para a farra. Em suma, uma espécie de boémio erudito.

A vida corre-lhe de feição, sem grandes preocupações, com a ajuda da mesada do pai, já que as propriedades da família têm vinhas, grandes hortas e alguma criação bovina que rendem bom dinheiro.

Embora não faça alarde disso, frequentemente o título de visconde torna-o uma “presa” apetecível para as damas casadoiras (e não só!) que frequentam os mesmos círculos sociais e às quais nem sempre consegue resistir com sucesso... Embora elas o considerem um bom partido e o assediem amiúde, ele não pensa constituir família tão depressa. Além de que os prazeres da vida boémia e descomprometida que leva, o satisfaçam de momento e lhe pareçam algo incompatíveis com um matrimónio. Por outro lado a ideia de poder variar a companhia, sorri-lhe irresistivelmente, tornando-o um “Don Juan” feliz e despreocupado. Casar? Nah... Afinal porque motivo haveria de trocar a sua existência de bon vivant por uma outra cheia de compromissos, responsabilidades e complicações?

Enquanto a família pensa que ele, por passar muito tempo em conventos e bibliotecas eclesiásticas, na companhia de monges e padres, ainda pode vir a enveredar por uma carreira de sacerdócio, o que daria especial satisfação à mãe, senhora de muita fé e devoção, Pierre sente-se livre como um passarinho sem ter de dar satisfações a ninguém sobre os seus relacionamentos pouco ortodoxos. Desde aquela ruiva esfusante de seios fartos e decote revelador que lhe serve as bebidas no “Javali dourado” à loirinha cândida, tímida e envergonhada mas linda de morrer e muito sensual que ajuda o pai a gerir a “Toca do caçador”. Ou aquela morenaça de descendência Catalã, com um metro e oitenta que dança na “Taverna del Rey” em indumentárias translúcidas, “rasgadas” até à coxa...

Casar? *Pas encore, mon ami!*

Yvonne Petit

descrição:

Porte atlético, cabelo louro, forte, geralmente apanhado para deixar os movimentos livres. Pele bronzeada pelo sol, ar muito maroto e olhos verdes, prontos a conquistar o mundo! Tem um corpo muito sensual, que não se coíbe de exhibir, escolhendo cuidadosamente os decotes...

É brincalhona mas muito matreira e um pouco cruel.

história

Yvonne nasceu na cidade de Arcachon, na orla sudoeste da França, e a sua vida, bem como a de toda a família, sempre esteve associada ao mar e aos barcos. Um avô era pescador, o pai contrabandista e um tio pirata. Foi este último que, achando piada à sua atitude e ao enorme interesse e curiosidade por mosquetes, a ajudou a aperfeiçoar a precisão do tiro, para o qual tinha um jeito nato. Pela sua atitude destemida e muito aventureira, o tio Roland começou a levá-la em pequenas incursões na Baía da Biscaia, e mais tarde nos mares ao largo do Algarve, do Golfo de Cádiz e do Noroeste Africano.

A natureza revelou-se muito generosa com as formas da jovem, mas apesar da atraente figura feminina, Yvonne ganhou um muito razoável porte atlético, graças às horas infindas passadas a subir e a descer enxárcias e a caçar os pesados cabos que permitem marear o pano (velas). A sua esperteza e sagacidade, juntamente com o seu carisma de líder foram a chave para tomar um galeão holandês que transportava um considerável tesouro e armas, durante um ataque em que o capitão Roland se encontrava doente. Esta apreensão teve tal eco e repercussões que chegou aos ouvidos do rei. Pelo feito, e com certeza por ter ouvido falar que ela era uma mulher... extraordinária, sua majestade fez questão de a receber pessoalmente e providenciar que lhe fosse entregue uma carta

de corso (autorização expressa que permite a pilhagem de navios de outras nações, pagando à coroa uma percentagem do saque, e é o que distingue um pirata de um corsário).

O rei ofereceu-lhe ainda, a título particular, um mosquete altamente trabalhado, de manufatura absolutamente fantástica, tanto do ponto de vista artístico como da eficácia (a bela arma tem um bônus +1 a somar à chance, na perícia de tiro).

A partir desse episódio, foi nomeada “imediata” da veloz embarcação do tio e nunca mais parou. Tornou-se exímia marinheira, com um ótimo sentido de orientação e grande intuição para a navegação, indispensáveis para um dia se tornar capitã do seu próprio navio.

Pouco impressionável, ajuda o tio a manter a tripulação na linha, e como braço direito deste, aplica a disciplina marítima de forma impiedosa, exercendo a sua autoridade com enorme firmeza. E a ajuda do temido chicote, se necessário. O que desmotiva fortemente a marujada de pisar o risco.

Atualmente o “Gavião da Biscaia” está no estaleiro para reparações e querenagem, após muitos meses a cruzar as águas do Atlântico. O que é um problema, pois a aborrecida vida em terra deixa-a transtornada. A sua atração por desafios e aventuras, a adrenalina da perseguição, o vento na cara e o cheiro da maresia não a deixam sossegar. Anseia então por... aventuras em terra, enquanto não pode ouvir as suas botas ressoar novamente num convés.

Louis Malfier

descrição:

Porte robusto, cabelo negro. Usa quase sempre rabo de cavalo e uma argola na orelha esquerda. Olhos negros muito cintilantes, pele bronzeada pelo sol. Hábil com armas de fogo e muito ambicioso. Tem um enorme fraco por saias e não resiste à bebida, que lhe solta a língua com grande facilidade.

história

Louis é o 6º filho de uma família de camponeses da região de Cognac. A vida não era fácil nessa altura, muito menos para famílias numerosas. Os pais e os irmãos mais velhos trabalhavam a terra mas ele sempre achou que não iria passar o resto da vida agarrado a um arado ou uma gadanha. Já tinha ouvido falar na luz das grandes cidades e a ideia de um dia poder viver numa, fascinava-o.

Um dia, a deambular pelos arredores da vila natal, deparou-se com um grupo de contrabandistas a transportar enorme carga para uma mina abandonada, onde estavam a esconder produtos que mais tarde seriam “transacionados”. Intrigado com os misteriosos visitantes resolveu espia-los mas acabou por ser apanhado por um vigia. Jurou que jamais revelaria o esconderijo se o libertassem. Os membros do grupo não confiaram no jovem, mas não eram violentos nem queriam fazer-lhe mal, pelo que o obrigaram a ajudá-los. Impressionados com a força, mas sobretudo a perseverança estoica do rapaz, convidaram-no a juntar-se ao grupo. E foi assim que, com apenas 15 anos, passou a viver à margem da lei, dizendo aos pais que arranjava trabalho numa mansão que ficava noutra região, longe de casa.

A vida começou finalmente a correr-lhe bem quando, ao “estabelecer-se” por conta própria aos 19 anos, teve a oportunidade de vender armas aos Holandeses e Ingleses

durante os anos de guerra. Aos 22 já tinha acumulado alguma fortuna.

No decurso da sua atividade “profissional”, teve oportunidade de se relacionar com figuras importantes mas... quase todas pouco recomendáveis e de moralidade duvidosa. Aceitava, no entanto, de bom grado, todas as propostas que lhe abriam portas para novos desafios, embarcando em aventuras muitas vezes mais pelo gozo do que pelo proveito.

Muito desconfiado, nunca fica muito tempo no mesmo lugar e fala o mínimo possível com estranhos. Tem no entanto alguns amigos de confiança entre os quais um armeiro português, Miguel de Castro, a quem costuma consultar antes de fazer a aquisição de algum lote mais avantajado de armamento. É que para além das armas partilham outra paixão comum: saias. Mesmo não sendo tão atrevido como o português, e assumindo sempre uma atitude mais reservada, também aprecia uma boa aventura romântica. Infelizmente não tem tido sorte já que vive rodeado de interesseiras que se aproximam mais da bolsa do que da pessoa.

Nostálgico e solitário, passa muitos serões a beber sozinho nalguma taverna desconhecida e é nessas ocasiões que reflete sobre a sua insaciável ambição e sobre se o dinheiro trás verdadeira felicidade ou não...